



**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

PAULO DE FREITAS GOMES

**IDENTIDADE NEGRA E RESISTÊNCIA NA POÉTICA DE
SOLANO TRINDADE**

GUARABIRA - PB

2013

PAULO DE FREITAS GOMES

IDENTIDADE NEGRA E RESISTÊNCIA NA POÉTICA DE SOLANO TRINDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob a orientação da Prof^a Dra. Rosilda Alves Bezerra.

GUARABIRA - PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

G321i Gomes, Paulo de Freitas

Identidade negra e resistência na poética de Solano Trindade
/ Paulo de Freitas Gomes. – Guarabira: UEPB, 2013.

51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^a. Dr^a. Rosilda Alves Bezerra.

1. Literatura Afro-brasileira 2. Identidade Negra 3. Solano
Trindade I. Título.

22.ed. CDD B869.3

PAULO DE FREITAS GOMES

IDENTIDADE NEGRA E RESISTÊNCIA NA POÉTICA DE SOLANO TRINDADE

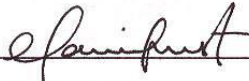
Monografia apresentada ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciado em Letras, na área de Língua Portuguesa.

Aprovado em 30 de agosto de 2013

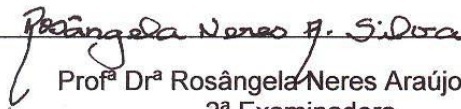
COMISSÃO EXAMINADORA



Profª Drª Rosilda Alves Bezerra
Orientadora



Profª Drª Maria Suely da Costa
1ª Examinadora



Profª Drª Rosângela Neres Araújo Silva
2ª Examinadora

Guarabira - PB
2013

DEDICATÓRIA

Aos meus pais José Sebastião Gomes e Maria da Penha de Freitas Gomes, pelo Carinho, compreensão e amizade.

Aos meus irmãos José de Freitas Gomes e Antônio de Freitas Gomes.

Aos meus sobrinhos Antônio Gabriel, André Lucas, Ana Vitória e a minha cunhada Elisandra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, acima de tudo e sempre, pela força, perseverança e discernimento para superar os momentos conflituosos.

Minha especial gratidão pela Professora Doutora Rosilda Alves Bezerra, pela orientação atenciosa e objetiva, além da oportunidade de participar de uma de suas pesquisas.

Agradeço a toda minha família pelo apoio e incentivo.

A Universidade Estadual da Paraíba.

A todos os meus amigos que de forma direta ou indireta me ajudaram concluir essa etapa tão importante da minha vida.

Agradeço a todos os professores do Centro de Humanidades, campus III da UEPB, em especial aos Professores Doutores Rosângela Neres Araújo Silva, Juarez Nogueira Lins, Marilene Carlos do Vale Melo, Wanilda Lacerda e Iara Martins que tanto Contribuíram por meio de suas disciplinas, debates e pesquisas para o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento nos momentos que precisei.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

A coordenação do curso de Letras.

A Marcos Ferreira da Penha e sua esposa Mônica Ferreira pelo acolhimento, amizade, consideração e apoio.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, deixando marcas que jamais se apagarão e serão esquecidas.

Desci à praia
Para ver o homem do mar;
E vi que o homem
É maior que o mar.
Subi ao monte
Pra ver o homem da terra.
E vi que o homem
É maior que a terra
Olhei para cima
Para ver o homem do céu,
E vi que o homem
É maior que o céu.

(TRINDADE, *Poema do Homem*. 1999,p. 930)

RESUMO

O presente trabalho procura estabelecer pontos para uma discussão sobre a imagem identitária do negro e a resistência na poesia de Solano Trindade. A princípio propõe-se promover uma reflexão sobre a poesia afro-brasileira ou negro-brasileira, conforme discussões de estudiosos da área, identificando a inserção da poesia de Trindade. A pesquisa busca investigar de que forma as questões em torno da literatura negra ou afro-brasileira na poética de Solano Trindade são marcadas pela postura de afirmação da identidade negra e a temática em torno da resistência identitária e cultural. A afirmação do ser negro no discurso poético de Solano Trindade contribui para uma escrita de resistência, identificada nas experiências de vida desse autor, que se reconhece como negro e afirma sua identidade. O apoio teórico e de estudos críticos para o desenvolvimento dessa monografia envolvem estudos da cultura negra, identidade e resistência, produzidos por Silva (2003), Walter (1999), Ferreira (2008), Bernd (1988), Santos (2005), Cuti (2010), Duarte (2006), Bezerra (2010), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Resistência. Literatura afro-brasileira. Solano Trindade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
2A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E/OU NEGRO BRASILEIRA: A POSIÇÃO DE SOLANO TRINDADE.....	11
2.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA OU AFRODESCENDENTE: CONCEITOS E APLICAÇÕES.....	21
2.2 LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: OS SUJEITOS E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	26
3A RESISTÊNCIA DO NEGRO NA POÉTICA DE SOLANO TRINDADE.....	32
3.1 SOLANO TRINDADE: NEGRITUDE E ANCESTRALIDADE.....	35
3.2 SOLANO TRINDADE: UMA VOZ COLETIVA.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

*Mais forte que todas as forças é a Liberdade...
O opressor não pôde fechar minha boca,
nem maltratar meu corpo,
meu poema é cantado através dos séculos,
minha musa esclarece as consciências,
Zumbi foi redimido...*

(Solano Trindade)

Este trabalho é caracterizado por apresentar a literatura afro-brasileira como uma vertente literária de resistência, com destaque para a escrita do poeta negro Solano Trindade, pois os seus versos mantêm o vigor da negritude que combina com a musicalidade, além de relatar a vivência e sentimentalidade afro-brasileira.

A presente monografia é resultado de um projeto de pesquisa de iniciação científica, coordenado pela professora doutora Rosilda Alves Bezerra (PIBIC/CNPQ) da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, campus III/Guarabira, intitulado “A literatura afro-brasileira no contexto escolar”.

A pesquisa enfatiza a ficção e a poesia afro contemporânea na diáspora discutidas nos bancos escolares, conforme a aplicabilidade da Lei Federal 10.639/03, propondo uma reflexão e análise de várias obras, trabalhos e estudos de autores como Solano Trindade, Cuti, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, entre outros, que problematizam aspectos relacionados às questões étnico/raciais nos estudos críticos, assim como, nas reflexões poéticas.

Solano Trindade nasceu em Recife (PE) no ano de 1908, filho de Manuel Abílio Trindade, sapateiro e cômico de profissão, e de dona Emerenciana de Jesus, quituteira e operária. Desde muito cedo, acompanhava o pai em suas danças de pastoril e bumba-meu-boi, e isto despertou no menino um forte interesse pelo folclore, o teatro e a cultura popular. Trindade sempre escreveu poesia.

Os principais livros publicados por Solano Trindade são *Poemas de uma vida simples* (1944), *Seis tempos de poesia* (1958) e *Cantares do meu povo*

(1961). Foi operário, comerciário, funcionário público, colaborador na imprensa, ator, pintor e teatrólogo. Morou no Rio de Janeiro durante a década de 40, e depois se mudou para São Paulo, onde passou a maior parte de sua vida entre artistas e intelectuais. Foi um dos fundadores das renomadas feiras de arte e artesanato da cidade de Embu (SP), que hoje representa um verdadeiro polo cultural na região. Trindade também se dedicou ao cinema, tendo inclusive participado como ator em alguns filmes. O poeta foi uma das figuras mais expressivas e admiráveis da poesia negra no Brasil, ele morreu em 1974 e com a sua poesia ele cantou o orgulho de sua gente e os seus textos abordavam temáticas como os anseios da liberdade da minoria marginalizada e outras questões.

Trindade é considerado um mediador da cultura, que conscientiza a sociedade e sugere diálogo através dos seus textos, da sua história pessoal e de atividades que organizava, por isso, ocupa lugar de destaque na primeira metade do século XX como um grande intelectual e artista brasileiro.

Desde a década de 1930, Solano participava de atividades do movimento negro e da cultura brasileira, participou dos congressos afro-brasileiros de Recife (1934), e em Salvador (1937), atuou na fundação do Centro Cultural Afro-Brasileiro e da Frente Negra Pernambucana (1936), no Teatro Experimental do Negro (com Abdias Nascimento, no ano de 1945) e participou do Teatro Popular Brasileiro (junto com Edson Carneiro, em 1950), entre outras várias atuações e participações nas organizações culturais deste pesquisador da cultura popular e negra.

Portanto, nas proposições de análises de estudiosos como Duarte (2004), Cuti (2010), Elio Ferreira (2006), Florentina Souza (2004), Bezerra (2010), entre outros autores, desenvolvemos um estudo sobre a imagem identitária do negro no discurso poético de Solano Trindade, destacando na sua escrita uma literatura comprometida com a resistência do negro, que se enreda na trajetória da cultura ancestral.

No primeiro momento deste trabalho, traçamos um breve histórico da literatura afro-brasileira, considerada atualmente como uma literatura pós-moderna, além de citar exemplos de alguns teóricos, que estão envolvidos com a causa negra, enfatizando a trajetória de Solano Trindade e sua contribuição poética.

De forma sucessiva, relataremos a conformação teórica da literatura afro-brasileira ou afrodescendente e suas divergências relacionadas a aplicações de termos, conceitos e significados.

No tópico seguinte, a investigação consiste em tematizar a questão terminológica, na qual será proposto um estudo que implica o uso da literatura negra e para o questionamento de sua existência.

De maneira mais específica, posteriormente enfatizaremos a poética de resistência negra, apontando para persistência, determinação e oposição à opressão escravista, mostrando que na poesia de Trindade ilustra-se uma postura libertária.

A pesquisa sobre a poética negra, que na voz de Solano incorpora a herança oral e cultural dos seus ancestrais, será observada na poética, mostrando as práticas de afirmação e resistência sistematizadas através de sua poesia.

Com os ideais da negritude, nos tópicos seguintes, será abordada uma reflexão e análise sobre o discurso poético de Solano Trindade, apresentando o envolvimento e empenho comprometido do poeta com os ideais da negritude, para isso será apresentado o poema “Canto dos palmares”, até então considerado uma épica quilombola e ao mesmo tempo mencionado como um grito coletivo que ressalta a retificação das diversas maneiras de exclusões provocadas pelo preconceito desmascarado ou camuflado.

2 A LITERATURA AFRO-BASILEIRA E/OU NEGRO BRASILEIRA: A POSIÇÃO DE SOLANO TRINDADE

A respeitada homogeneidade literária construímos uma ideia que está traduzida e ligada principalmente aos termos que universalizam o mundo masculino, branco e ocidental. Esta homogeneidade está caracterizada desde muito tempo por uma parcela da sociedade que não enxerga o outro e quando isso acontece é realizado com uma visão preconceituosa e que torna “o outro” desmerecido, dessa forma foi sendo concretizado o processo de construção da literatura brasileira, vejamos o que relata a autora Florentina Souza:

Na história da literatura brasileira, foram diversos os momentos em que setores da intelectualidade e da vida política voltaram-se para a construção de um discurso fundamentado em imagens do país que buscaram promover a uniformização ou a homogeneização de seus habitantes, com vistas a constituir, na diversidade étnica e social, uma “comunidade imaginada” denominada Brasil (SOUZA, 2004a, p. 278).

Não Precisamos ir tão longe para perceber e/ou imaginar essa situação, pois é algo que acontece naturalmente e está acobertado pelo preconceito que se enraizou na sociedade e que muitos acolhem e deixam suas vidas serem construídas à base da ignorância e discriminação, como exemplo, podemos citar os diversos meios de comunicação, que ainda persistem em adotar tais pensamentos, e que são percebidos através de suas mensagens. Por tanto, é favorável entender que a nossa sociedade é construída por diversos modos de agir, pensar e viver, também dessa forma é construída a nossa literatura que é tão importante para a sociedade brasileira, pois através dela nos são apresentados aspectos de ordem social, político, cultural, como declara Florentina Souza:

Ao longo da história da literatura, o texto literário tem sido visto como objeto capaz de influenciar atitudes e comportamentos e de interferir na vida político-cultural de modo tão eficiente que os dirigentes de alguns governos totalitários criam, constantemente, estratégias de controle e supervisão da sua produção como forma de coibir crítica e insubmissão. Não vou aqui me deter em explicar ou discutir a força que o discurso literário possui, tanto para os projetos de construção e de leitura do mundo, como para os de sua transformação. Afinal,

desde o princípio, na tradição judaico-cristã, e não só nela, a palavra é vista como capaz de dar vida e criar (SOUZA, 2004a, p. 277).

Nesse contexto, não podemos minimizar e traduzir em uma imaginação combinada uma sociedade que é caracterizada por diversas vozes, vivências e culturas pluralizadas. Mas, com o passar do tempo, com o processo de construção e reconstrução que advém da literatura afro-brasileira contemporânea, passamos a conhecer uma nova imagem identitária literária do negro, que não mais se apresenta situada em um estado passivo, alienado, marginalizado; o negro passa a ser sujeito de sua própria escrita. Dessa forma, para Lobo (1993, p. 206), “o negro deixa de ser objeto para passar a sujeito da literatura e da sua própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereótipo) para ser autor de uma visão de mundo própria”.

Novos discursos que surgem revelam uma opinião contrária à permanência de uma identidade literária homogênea, que singulariza o ser social e engrandece uma parcela da sociedade, tornando-se ditadora e que quer ser única, como esclarece Stefani Silva:

A identidade coloca-se hoje como assunto recorrente em todo meio social devido à pluralidade de culturas que a cada dia ganha força e acaba por se estabelecer negando a soberania de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade existentes até então de forma única e ditadora (SILVA, 2009, p. 01).

As novas tendências poéticas que surgem refletem a existência do negro, que em outro momento não ocupava uma esfera ativa a não ser a de escravo, que estava sempre obedecendo às ordens e vivia em função de outros, mas esse novo processo de construção literária nos permite perceber uma sociedade pluriétnica, com diversas paisagens culturais, raças e etnias.

Entretanto, na literatura contemporânea encontramos vozes e silêncios que procuram quebrar essa tradição e apresentam o tema da escravidão e os sintagmas negativos por ela impostos de maneira positiva, abandonando assim a visão do negro vitimizado, buscando desta forma “libertar-se do peso da história” (PAZ, 1982, p.44).

Atualmente, um novo olhar surge, sobretudo, para aquilo que fora dito sobre o negro e de forma afirmativa uma nova condição é exposta, e o negro se torna sujeito de suas ações e ganha espaço na literatura brasileira. A literatura afro-brasileira, em contrapartida, enfatiza a valorização de tudo que se considerava marginal e, num trabalho de reelaboração literária, dá voz e vez a sujeitos e ambientes nunca antes representados de fato.

O filósofo Roger (Apud HALL, 2006, p. 48) afirma que todo homem merece a sua identificação como ser social, que o homem deve identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao que ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. Então, não se pode negar a liberdade de expressão de um ser humano por causa de sua cor da pele ou etnia, o desejo de alcançar uma sociedade democrática, globalizada e sucedida tem que está relacionado com a escutadas vozes que quase sempre permaneceram caladas com posturas e ações que pareciam não existir, e sim, afirmar a sua identidade, contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Ao clamar para que o negro fuja dos estereótipos impostos e assumam sua identidade, reconhecemos o brado da própria literatura afro-brasileira num apelo a favor de seu reconhecimento. Se percebemos na contemporaneidade uma resistência ao seu reconhecimento, é porque sabemos não ser mais possível negar sua existência (SILVA, 2007, p. 634).

Na literatura, podemos perceber a representação das ações e transformações humanas, novas identidades surgem e aquelas apresentadas antes se modificam com a quebra de barreiras, que fazem parte de um campo preconceituoso. Dessa forma, a diversidade ganha espaço, mas mesmo assim percebemos a evidência da discriminação, do preconceito, do não querer a realização da participação e integração do negro nos diversos campos da vida social da população brasileira. Tal fato ocorre de forma repreensiva ou naturaliza-se, como explica Cuti (2010), quando aborda que os negros ainda enfrentam situações semelhantes ao regime que o extinguiu formalmente, mesmo no período pós-abolição.

A literatura afro-brasileira celebra os textos de autores nacionais que em suas obras podemos identificar traços característicos e valores dos negros, porém não mais com o intuito de transmitir uma ideia de população única e homogênea, pelo contrário, através dela podemos nos aproximar dos diversos grupos étnicos que vivem no mesmo espaço geográfico brasileiro. Assim, para Souza e Lima (2006, p. 11-12), “através do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana e da cultura popular, a escrita literária é assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo”.

É importante observarmos que um novo jeito de escrever e de pensar desafia outros significados atrofiados e impostos na nossa sociedade, as obras afro-brasileiras exprimem a intensidade e a força de vontade de pessoas que desejam e querem combater a opressão social e psicológica, cobrando o justo lugar do negro também na literatura brasileira.

É nesse sentido que Pereira (2006), no texto *“Poesia brasileira contemporânea: invenção e liberdade na tradição cultural afro-brasileira”*, relaciona as questões de liberdade e tradição cultural dos negros no Brasil, afirmando que autores afrodescendentes são responsáveis por atacar e quebrar temas tabus como racismo, violência, masoquismo e alienação encobertos ou (mal encobertos) pela sociedade brasileira, eles usam palavras com qualidades necessárias para quem deseja mudar a imagem negativa do negro.

Através destes autores, são proferidos discursos que nos chamam a atenção para a reflexão e a ação, e estes discursos são maiores do que qualquer ideologia racista e as perdas causadas pelo racismo. Os textos afro-brasileiros denunciam e criticam os temas-tabus já apresentados no parágrafo anterior, entre outros que ainda não foram explícitos até agora, que estavam presentes no passado e até hoje permanecem, mas por outro lado, nos é apresentado à imagem de um homem que vislumbra na escrita negra.

A linguagem articulada na escrita negra está profundamente enraizada na realidade do afrodescendente, pois é fruto da ação deste homem que articula argumentos para entender e dinamizar sua existência adquirindo sentido social com consolidação do pensamento negro, além das diversas

possibilidades que instigam novas sugestões de leituras e não negam suas referências histórico-sociais.

Vejamos o que discorre Florentina Souza, sobre o texto poético afro-brasileiro:

A construção de uma descendência textual afro-brasileira passa pela compreensão de que as identidades são constituídas no discurso, mas forjadas nos embates entre grupos que se identificam com molduras ideológicas diferenciadas, buscando, no caso dos subalternos, reverter hierarquias, representações e significados(SOUZA, 2004a, p. 279).

Apesar dessa nova vertente literária está ganhando espaço mediante astantas dificuldades, a literatura afro-brasileira assim designada por alguns estudiosos, ainda tem que passar pela descrença terminológica que levanta tantas discussões. Observamos o que ressalta Marcelo Silva:

A literatura afro-brasileira sujeita-se aos mesmos problemas enfrentados pelo povo nela representado durante o período da colonização: a exclusão e a falta de reconhecimento, sendo muitas vezes relegada a marginalidade. Ao ser referenciada como uma literatura afro-brasileira, literatura negra no Brasil ou estudada no âmbito das literaturas de grupos minoritários percebe-se a falta de definição do termo e mesmo a pouca importância com que é vista no meio acadêmico. Inserida nos estudos culturais serve-se da história, da antropologia e da sociologia para se constituir. Talvez, em decorrência do pouco tempo passado desde o seu surgimento não foi ainda possível o aparecimento de teorias próprias que a explique. Autores como Luiza Lobo (1993), Eduardo de Assis Duarte (2006) e Domício Proença Filho (2004) entre outros ressaltam a tendência de explicar, ou conceituar essa literatura a partir de um comprometimento ideológico (SILVA, 2007, p. 633).

Entendemos que a literatura afro-brasileira não é algo que surgiu de um momento para o outro, ela é articulada, cuja transformação é dada no curso do tempo, desde sua primeira instância que não é autônoma. A articulação advém do diálogo, portanto consideramos que seja um movimento, no sentido de que se forma e se transforma, porém possui seu próprio perfil, um sistema significativo que desempenha um papel de incorporar o sujeito que escreve e/ou está escrito.

A literatura afro-brasileira é considerada como pós-moderna por ser constate em afirmar o movimento da minoria, que recusa a retórica negativa e contraditória deliberada na história e política do nosso país, desconstruindo imagens e discursos que se encontram tão intrínsecos entre nós.

Além disso, ao se colocar desta forma no cenário literário brasileiros, os (a) autores (as) afro-brasileiros (as), retomando as raízes da cultura africana, desconstruindo imagens estigmatizadas e estereotipadas do(a) negro(a) ou mestiço(a) que costumeiramente se encontram nas produções eurocentradas e problematizando o lugar de subjugamento, interferem “nos modos de pensar da sociedade e intervêm nos sistemas de produção de valores e nos padrões de gosto da cultura brasileira” (SILVA, 2008, p. 02).

Podemos constatar, que desde o século XIX, alguns membros dessas categorias não privilegiadas procuram intervir em discursos que elegem hierarquias, desejando fixar também seu papel no sistema de representação escrito. Segundo Souza:

Escritores como Luis Gama e Maria Firmina dos Reis, jornalistas e intelectuais como José do Patrocínio, ilustram algumas das estratégias que ficaram registradas em jornais, livros e revistas e foram utilizadas por esses e outros afrodescendentes com o fito de se apossar do sistema de representação, construir suas imagens identitárias e participar da vida política e cultural da nação da qual se sentiam parte, uma vez que eram atuantes diretos da produção de sua riqueza. Na sua maior parte, os textos apontavam para as ansiedades, contradições, problemas e dificuldades de expressão e de inserção em uma sociedade que os rejeitava, já que os percebia como responsáveis pelo atraso do país. (2004a, p. 279)

Os discursos dessas pessoas e outros nomes que não foram citados e não estão registrados na historiografia convencional, procuram exercer papéis fundamentais na estruturação e florescimento daqueles que se interessam, como estes, em problematizar em seus textos o potencial negro, ilustrando os momentos significativos da auto representação, e da fuga da coisificação e marginalização imposta.

Luiz Gama e Cruz e Sousa foram fundamentais no desenvolvimento de um conjunto de produções literárias que se seguiram ao pós-Abolição em São Paulo. Os dois poetas se tornaram referências importantes para os negros paulistanos das primeiras décadas do século XX. Desapontados com o fato de terem permanecido à margem do regime republicano, o grupo reagiu ao “preconceito racial” tomando a linguagem escrita como instrumento de luta. (SILVA, 2013, p. 03).

É salutar entendermos que o desejo de minimizar ou negligenciar a presença dos afro-brasileiros e seus respectivos aspectos não é atual, é um desejo que está presente nas obras de intelectuais como José de Alencar, em seus romances e críticas literárias, nos poemas de Gonçalves Dias, porém esse apagamento tornou-se ineficaz e impossível ao perceber que o negro já fazia parte da própria paisagem social, e sua atuação era percebida em diversas esferas da sociedade brasileira.

De fato outros autores resolveram registrar em seus textos a presença negra, mas ainda acusando aqueles como provocadores do atraso do Brasil. Onde estaria a origem do defeito? Na cor? Nos costumes? Na religião? Se estivesse na cor seria contornável no momento em que houve a imigração europeia, sobretudo a religião era tida como uma caricatura demoníaca e ainda passam por diversas tentativas de marginalização e desprezo, os costumes negros se encontravam sucumbidos e rejeitados pelos ideais da classe que se considerava superior, mesmo com muita resistência acabavam isolados e reprimidos, mas não apagados. Essa exclusão é denunciada no poema “Civilização Branca”, de Solano Trindade:

Lincharam um homem
entre os arranha-céus
(li num jornal)
procurei o crime do homem
o crime não estava no homem
estava na cor de sua epiderme...
(Solano Trindade, 1961, p. 37)

As penalidades não são cumpridas por aqueles que praticam o racismo, pois tudo ocorre de maneira velada. No poema acima, Trindade mostra que até hoje essas práticas discriminatórias são exercidas na sociedade brasileira. Conforme Elio Ferreira de Souza:

Em nosso país onde o preconceito se dá de maneira velada, torna-se difícil se penalizar alguém pela prática de racismo. Se nos EUA existiram ou existem organizações racistas e criminosas como a *KuKluxKlan*; no Brasil das décadas de 1960/1970, muito se falou, nas grandes cidades, num grupo policial de extermínio chamado Mão Branca, que matou negros nas favelas e nas prisões. Robson de Sousa, um operário negro, sob a acusação de crime que não cometera, foi preso e torturado até a morte por policiais. Esse incidente desencadeou a criação do Movimento Negro Unificado – MNU, em 1978. (SOUZA, 2006, p.145)

Os questionamentos são muitos e as respostas são munidas de justificativas ilustradas por palavras com significados pejorativos e vazios, por isso se tornam tão vagas e confusas, mas muitos preferem acreditar que racismo é normal, é natural inferiorizar o “ser negro”, com uma vaga justificativa de ser um fenômeno universal, mesmo em um país composto por costumes diversos, religiões pluralizadas, e o povo majoritariamente construído por negros e mestiços.

A discriminação racial está ocupando um grande espaço na vida de muitos, a luta contra o preconceito se torna cada vez mais difícil, porque mesmo sendo identificado o preconceito, as pessoas não se declaram racistas, como mostra Elio Ferreira:

A questão da discriminação racial no Brasil se torna difícil de ser combatida e mesmo revelada à medida que o racista não se declara racista, esconde seus sentimentos de rejeição em relação ao negro. Aqui, para a maioria das pessoas comuns, falar do preconceito contra o negro ainda é tabu e acabamos sendo taxados de racista, quando pomos esse assunto em discussão (SOUZA, 2006, p. 146).

No livro *A invenção do “ser negro”: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*, a autora Gislene Aparecida dos Santos destaca essa trajetória de querer naturalizar a existência de uma classe inferior, que forja alguns indivíduos ao comando e outros à obediência. Vejamos o relato abaixo:

O ser do negro é investigado, especulado, demonstrando que constituía um fenômeno diferente. Quer por obra da natureza, que por obra divina, havia se produzido um ser que merecia

explicação, um ser anormal. Essa explicação tornava-se quase sempre justificativa de sua inferioridade natural. (SANTOS, 2005, p. 55)

Poetas como Solano Trindade e outros, rejeitaram as modalidades poéticas que seguiam sempre a ditadura de um estilo único, pois todos deveriam seguir um padrão literário que prestigiava a hegemonia branca, masculina e ocidental.

Na sequência poética de Solano acompanhamos uma proposta que se apropria da linguagem do povo e para o povo, validando um substrato linguístico até então incompatível com a linguagem culta que domina a produção literária canônica.

A experiência poética engendrada no discurso de Solano recorre à memória coletiva do povo e a história dos afrodescendentes. Nos versos encontramos um testemunho que enfatiza fatos de injustiça, a não liberdade do negro, fatos do cotidiano, tradições africanas, o amor, e acima de tudo o apelo à luta e a resistência cultural.

Pela sua trajetória, o artista estava onde o povo estava por que, sendo ele fruto da classe popular, fez de sua obra literária o espaço de voz e de ação desse sujeito, primando por reconstruir a história e imagem do Brasil, a partir do ponto de vista do negro. (SILVA, 2008, p. 02).

Este poeta não se detém apenas a cor da pele, pelo contrário, ele conduz uma poesia universalista que se identifica com todos os seguimentos oprimidos. Sua escrita é negra, feita para os negros, mas seus textos poéticos são comprometidos principalmente com a luta contrária à opressão desumana, sendo esta imposta por brancos ou até mesmo por negros. Vejamos o poema “Canto da liberdade”, logo a seguir:

Ouço um novo canto,
Que sai da boca,
De todas as raças,

Com infinidade de ritmos...
Canto que faz dançar,
Todos os corpos
de todas as formas,

e coloridos diferentes...
 Canto que faz vibrar,
 todas as almas,
 De crenças,
 E idealismo desiguais...
 É o canto da liberdade,
 Que está penetrando em todos os ouvidos...

Solano expressa na sua escrita, uma atenção para com todos os que sofrem com a opressão, cujo silêncio toma conta de suas almas. O desejo maior do poeta está no transmitir das mensagens escondidas ou ignoradas por muitos. No poema “Toque de reunir”, o poeta enfatiza mais uma vez o seu desejo de ver a humanidade unida:

Vinde irmãos macumbeiros
 Espíritas, Católicos, Ateus.
 Vinde todos brasileiros.
 Para a grande reunião.
 Para combater a fome
 Que mata a nossa nação.
 (TRINDADE, 1999, p. 122)

Através de sua escrita propunha um objetivo, o de não dar ouvidos a exclusão, consciente de seus ideais reiterava o desejo de atingir todas as classes, todas as esferas da sociedade, mas esse pensamento acabou por atingir as ideias sócio-políticas existentes. Segundo Florentina Souza:

Sua poesia tinha a meta de atingir todos os credos, todas as classes, pois o poema “É o lamento/ do povo oprimido,/ da gente sem pão.../ É o gemido de todas as raças/ de todos os homens/ É o poema/ da multidão!”. Tal compreensão parece ter sido objeto de crítica daqueles que, também com justos motivos, entendiam que a questão de raça necessitava obter proeminência nos debates sobre mudanças políticas e sociais no Brasil (SOUZA, 2004b, p. 230).

Trindade sempre procurou dialogar com outras pessoas, que estavam ligadas aos manifestos negros e a cultura, ou com outras fontes populares, tudo o ajudava no desenvolvimento da sua produção, cujo intuito era a reconfiguração da sociedade.

2.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA OU AFRODESCENDENTE: CONCEITOS E APLICAÇÕES

Eduardo de Assis Duarte (2004) relata que a conformação teórica da literatura afro-brasileira ou afrodescendente passa necessariamente pelo abalo da noção de uma identidade una e coesa [...]. Da mesma forma como constamos não viver no país da harmonia e da cordialidade construídas sob o manto da pátria amada mãe gentil.

Precisamos compreender a finalidade desta literatura para que possamos manifestar nossas opiniões a respeito da mesma, apesar das divergências encontradas, tais estudos convergem para a necessidade de entender os termos aplicados, ou seja, faz-se necessário que se separe o que é literatura afro-brasileira e o que é literatura sobre o negro no Brasil. Nesse sentido, Assis Duarte (2004) destaca a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor como critérios de configuração dessa literatura, apontando ainda que não basta a ocorrência de um desses critérios, mas uma combinação entre eles.

A presença afro em nossa literatura surge enquanto etnicidade, isto é, fora da órbita da natureza e enquanto assunção de um determinado pertencimento identitário, para além dos condicionantes fenotípicos. Assim, cabe ao estudo deste conjunto heterogêneo de autores verificar tanto a afrodescendência celebrada, assumida ou apenas admitida (às vezes de modo envergonhado), quanto aquela outra, subalternizada e reprimida socialmente, recalcada ou mesmo explicitamente repudiada. A pesquisa não pode se reduzir a simplesmente verificar a cor da pele do escritor, mas deve investigar, em seus textos, as marcas discursivas que indicam (ou não) o estabelecimento de elos com esse contingente de história e cultura (DUARTE, 2004, p. 14).

A autora Florentina Souza (2004a), na sua escrita sobre “Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira”, destaca que autores como ele, problematizam em seus textos os papéis que exerceram na vida social, colocando-se como sujeitos, disputando o poder de construção de imagens e narrativas auto representativas. Seus textos e suas atuações ilustram

momentos significativos de explicitação do desejo de autorepresentação e de fuga da coisificação imposta pelo sistema escravagista e, posteriormente, da marginalização imposta pela sociedade brasileira.

A partir desta construção literária entendemos que a literatura afro-brasileira almeja um olhar que não está centrado tão somente na cor da pele e seus valores estéticos, e sim aponta para um povo e sua cultura que tradicionalmente tem estado à margem do reconhecimento crítico, denunciando o caráter etnocêntrico de muitos dos valores adotados pela academia.

A poesia afrodescendente traz consigo uma união inseparável de questões identitárias, que se misturam fortemente com as memórias e as lembranças de fatos do passado, estes percorrem os espaços íntimos da escrita anunciadas no mundo atual.

Recorrendo ao texto de Duarte (2004), o autor faz referência ao depoimento de duas intelectuais afrodescendentes contemporâneas à revista “Caros Amigos”, que condiz ao posicionamento do campo identitário, a autora Marilene Felinto (Apud DUARTE, 2004, p.05) questiona:

Até porque nem me acho muito nordestina mais, me acho tão misturada, não me acho nada. Nem nordestina, nem negra, nem branca, não sou nada, nada exatamente. Não levanto nenhuma bandeira, não milito no movimento negro, não militaria, não choramingo pelo Nordeste, muito pelo contrário.

Marilene Felinto recusa a militância, no seu depoimento ela configura a ação discursiva e defende que somos aquilo que dizemos e as ideias que defendemos, recusando pertencer a um seguimento em que tais sujeitos edificam para si a imagem de brancos e se tornam eles próprios agentes do preconceito como destaca o autor (FANON, 1983), na sua obra “Pele negra e máscaras brancas”.

Nesta obra, Fanon une poesia, prosa, filosofia, etc. A construção da identidade negra é questionada pelo autor, bem como a identidade branca, a ideia de que o opressor precisa do oprimido para legitimar sua superioridade é discutida na sua obra. Frantz Fanon sonha com um mundo sem diferenciação entre as cores, tendo um lugar para todas elas, sem que tenham dominados e dominadores, e que os seres humanos, são seres humanos acima de tudo e não importa a cor de sua epiderme.

O próprio Fanon reconhece a distância dessa realidade e a luta para reverter o que séculos de um regime cruel e de discursos desqualificantes solidificaram em nível do inconsciente coletivo na sociedade. É perfeita a análise que faz da publicidade, do cinema, das canções, todas moldadas para demarcar um lugar, inferior, para o negro na sociedade.

A dirigente do GELEDÉS – *Instituto da Mulher Negra* –, Sueli Carneiro (Apud DUARTE, 2004, p.05), pouco tempo depois para a mesma revista salienta que:

A expressão afrodescendente resgata toda essa descendência negra que se dilui nas miscigenações, desde a primeira miscigenação que foi o estupro colonial, até as subsequentes, produto da ideologia da democracia racial. A expressão resgata a negritude de todo esse contingente de pessoas que buscam se afastar de sua identidade negra, mas que têm o negro profundamente inscrito no corpo e na cultura.

Como este trabalho aborda a identidade negra na poética de Solano Trindade observemos as características citadas acima no discurso deste autor consagrado afro-brasileiro. Os poemas de Solano evidenciam a preocupação do poeta com a própria poesia, com o amor, com a fome, com as mulheres, com o racismo, com a cultura popular, com a história dos negros no Brasil e podem ser lidos como contribuição para constituição do discurso de afrodescendência no Brasil menciona (SOUZA, 2004a, p.284).

O poema “Advertência” ilustra com eficácia essa preocupação de indivíduo atuante que Trindade carrega consigo, persevera com seu discurso construtivo, conscientizador e fértil para o movimento cultural, além de ser imbuído pelos ideais da resistência, atua como instrumento estratégico para influenciar e interferir nos espaços sociais, em que o poder encontra-se centralizado.

Há poetas que só fazem versos de amor
 Há poetas herméticos e concretistas
 Enquanto se fabricam
 Bombas atômicas e de hidrogênio
 Enquanto se preparam
 Exércitos para a guerra
 Enquanto a fome estiola os povos...
 Depois eles farão versos de pavor e de remorso
 E não escaparão ao castigo

Porque a guerra e a fome
Também os atingirão
E os poetas cairão no esquecimento.

(TRINDADE, 1999, p. 110)

O poema que simboliza a trajetória negra de expressão identitária na poesia de Solano Trindade é “Sou Negro”. Nele, o poeta destaca a sua afirmação identitária, desde as referências a respeito de sua ancestralidade, até a construção diária, de vida e luta. Essa marca repete-se na lírica de Trindade, com aspectos definidos de um autor que imprime o orgulho de sua etnia:

SOU NEGRO

À Dione Silva

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs.

Contaram-me que meus avós
Vieram de Loanda
Como mercadoria de baixo preço

Plantaram cana pro senhor do engenho novo
E fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso.

Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.

(In: TRINDADE, Solano. 1999, p.48)

Para o poeta Solano Trindade, a cultura e costumes negros são traduzidos em valores universais e estes foram dissolvidos no amálgama cultural brasileiro. Mais uma vez voltamos à África como ponto de partida de um processo histórico pontuado por símbolos de resistência: “Zumbi”, “Não foi um pai João”, “guerra dos malês” etc. A tradição oral africana é citada, “contaram-me que meus avós vieram de Loanda”, neste poema constatamos que o sujeito poético conscientiza-se da importância e do significado de sua própria história, reconhecendo sua passagem de objeto, “mercadoria de baixo preço”, a sujeito histórico. O poeta distorce as ideias anteriores criadas para o negro e sua cultura ao refazer de forma crítica e transformadora a realidade social do negro, escutando o povo e traduzindo sua consciência em forma de poesia.

A poesia “Sou negro” é a assunção da ancestralidade africana de Solano. O canto narrativo transita nos campos minados de fragmentos da história do negro, sitiando lugares e fronteiras da memória pessoal e coletiva. O poema traça um breve mapa cronológico dos negros na África e no Brasil (SOUZA, 2006, p. 90).

Compreendamos que no primeiro momento o poeta afirma orgulhosamente a sua origem, elevando a autoestima do ser negro, recorre à lembrança de outras pessoas (supostamente mais velhas), refaz a travessia que muitos foram forçados a fazer pelos mares do Atlântico, em seguida mapeia a condição humilhante em que os negros viviam no período da escravidão.

No entanto, o poeta não exclui a cultura negra, pelo contrário, ela se faz presente de modo positivo, conforme cita Bezerra (2010), no artigo “Consciência negra e resistência na poesia de Luis Gama e Solano Trindade”:

Para Solano Trindade, a cultura negra traduz valores universais que, sem diluir-se no amálgama cultural brasileiro, refaz-se historicamente em forma de consciência crítica e transformadora da realidade social. Em resumo: escutar o povo e traduzir a sua consciência em forma de poesia. Neste poema, o poeta coloca-se como um homem que sente orgulho de seus

antepassados, e identifica-se com eles no presente, e confirma a sua identidade, principalmente, quando relata a resistência negra no Quilombo dos Palmares (BEZERRA, 2010).

O poeta menciona episódios importantes da história que estão relacionados a este período de servidão. Posteriormente exalta a garra daqueles que lutaram e lutam contra a indiferença entre as raças, já que este poema é um poema de autoafirmação e consciência negra. Solano mostra a riqueza da herança ancestral e enfatiza a não aceitação da submissão apresentada na figura de seu avô.

2.2 LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: OS SUJEITOS E SUAS REPRESENTAÇÕES

Luiz Silva (Cuti) alega a necessidade de classificar esta vertente literária para a compreensão da razão principal que objetiva seus sujeitos. Desse modo, o autor salienta não pedir a negação ou esquecimento da condição vivida antes, mas sim o reconhecimento de sua identidade e a luta pela própria afirmação enquanto negro.

Classificar, por si só não, é conhecer. Mas pode ser um momento preparatório do conhecimento. Analisar o objeto nos traz alguns subsídios para não só aprendermos a pertinência dessa ou daquela classificação, mas também o que está por detrás delas, pois ninguém classifica sem lançar, naquilo que classifica, sua maneira peculiar de ver o mundo (CUTI, 2010, p. 31).

Nesse contexto, atrelar o sentido que objetiva a literatura negro-brasileira à literatura africana não contribuiria ao questionamento referente à realidade racista presente no Brasil, como também esta última não combate o racismo neste país. Portanto, a palavra “negro” é um conceito consolidado pelo processo civilizador lançado nas raízes que representam uma determinada sociedade e que mais se identifica com a população não branca. Para Cuti, a literatura afro-brasileira pode sobreviver sem o negro, e o afro-brasileiro ser um não negro, não ser discriminado e até mesmo ser um discriminador.

A literatura negro-brasileira é uma manifestação de experiências vividas, sentimentos, ações e reações daqueles que sofreram e sofrem diretamente as consequências da discriminação, por isso a importância de explicitar, de defender, de assumir sua cor e sua identidade e escrita negra, a particularização desta vertente literária é necessária, pois ao adotar termos abrangentes os conflitos de uma dada cultura se tornam nivelados e minimizados salienta o autor.

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida social, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro” (CUTI, 2010, p. 44).

Nesta citação encontramos um propósito fortalecido, na ideia de que a literatura negro-brasileira é um recorte da literatura nacional formada por ideais coletivos, de pessoas que afirmam sua identidade e se assumem a todo o momento como negras apelando para o seu reconhecimento, enquanto reivindicadores e militantes que imprimem na vida social brasileira mobilizações e conquistas conscientizadas. Neste sentido encontramos nas palavras de Cuti o não reconhecimento de muitos que internalizam o racismo e renegam sua ascendência chegando a contribuir para o fortalecimento da hierarquização das raças que a eles mesmos inferioriza.

Em *Literatura negro-brasileira*, Cuti argumenta que um curso sobre literatura negra encontra depoimento que adianta a não aceitação da relação de termos que classificam e enfatizam uma inferência literária global a uma literatura nacional.

Países com uma singularidade estético-literária são colocados sob um mesmo rótulo. A diversidade literária africana mais uma vez é negada. Como em um navio tumbido literário são

misturadas as literaturas para a venda em outras partes do mundo. Essa negação das singularidades nacionais enfatiza ainda a dominação global, com roupagem de um novo tráfico, agora de livros (CUTI, 2010, p. 36).

Cuti (2010) discorre que a literatura negra é uma literatura de reivindicação, e nesse movimento literário não é sugestivo acoplar vários países, em que nem todos são de maioria de pele escura, ou seja, a corrente literária em destaque corresponde ao movimento negro estabelecido no Brasil.

Portanto, a palavra “negro” nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão “afro-brasileiro” lança-nos, em sua semântica, ao continente africano com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira (CUTI, 2010, p.40).

No que diz respeito ao poeta Solano Trindade, sua figura foi constituída como um verdadeiro personagem no campo da literatura negro-brasileira, pois sua atuação como poeta e indivíduo ativo, o caracterizou como agitador cultural, no momento em que os brasileiros remanescentes de africanos levantavam a bandeira e estabeleciam às lutas em prol de sua afirmação identitária, isso se dava a partir de organizações de cunho social e político, Trindade foi consagrado como um verdadeiro ícone no campo da literatura negro-brasileira.

Sua produção literária está relacionada com o fator econômico e as desigualdades sociais com uma íntima relação com as questões de raça e de cor. A respeito de suas obras, autores como Corsino de Brito destaca o texto como “poesia em essência, a serviço de uma causa, transformismo do navio negreiro em brados de sonoridade” (Apud TRINDADE, 1999, p.28). Roger Bastide, em carta datada de 04/10/1946, descreve suas impressões sobre a obra: “o senhor faz dos seus versos uma arma, um toque de clarim, que desperta as energias, levanta os corações, combate por um mundo melhor”. (TRINDADE, 1999, p. 31). Observemos o poema abaixo:

ORGULHO NEGRO

Eu tenho orgulho de ser filho de escravo...
 Tronco, senzala, chicote,
 Gritos, choros, gemidos,
 Oh! que ritmos suaves,
 Oh! como essas cousas soam bem
 Nos meus ouvidos...
 Eu tenho orgulho em ser filho de escravos..

Solano Trindade é nomeado “O poeta do povo”, pelo fato de suas obras apresentarem um resumo da vida de um homem, artista, intelectual que estava profundamente identificado com a cultura que emana das margens do tecido social, o poeta fazia questão de demarcar o caráter popular da literatura que produzia:

Tenho pelos homens de cultura uma grande simpatia, sejam modernos ou acadêmicos; tenho aprendido muito com todos eles, através de seus livros e das suas conversas, porém a minha poesia continuará com o estilo do nosso populário, buscando no negro o ritmo; o povo, em geral, as reivindicações sociais e políticas; e nas mulheres, em particular, o amor (TRINDADE, 1981).

É necessário observar que a poesia deste autor não é voltada apenas para cultura do povo de modo mais abrangente, mas faz referência de maneira muito especial, e até mesmo de forma militante à cultura do negro. O poeta fala de dentro dessa cultura, ou seja, o *eu lírico* é um *eu* que se quer e se vê negro. Dessa forma, podemos perceber essas marcas que mostram suas raízes negras no mesmo poema antes já citado, “*Sou negro*”. Mesmo no título do poema podemos perceber um grito que revela uma visão diferente, uma visão do outro, uma voz que antes estava silenciada e com ele traz uma afirmação identitária,

O poeta assume a identidade negra desprestigiada e procura reverter o sentido depreciativo que lhe foi atribuído: “ser negro” passa a conter um tom identitário em que são ressaltados elementos antes silenciados pelo discurso do senso comum. A autodeclaração de seu lugar étnico, “sou negro”, será, posteriormente, adotada pelos escritores afro-brasileiros da antologia *Cadernos negros*, publicada desde a década de

1970, também como estratégia de reversão dos sentidos negativos acoplados secularmente à expressão negro/a (SOUZA, 2004a, p.286).

Os versos deste poema são ilustrados pelo sentimento de identidade e exaltação da autoestima. Como já foi dito, encontramos na poesia de Solano Trindade elementos da negritude.

A escrita de Solano Trindade, ao mesmo tempo em que enaltece o orgulho da raça negra, é uma crítica constante às injustiças, advinda de um processo histórico de dominação e opressão que se perpetua através das desigualdades sociais. É um discurso de resistência que nega as formas convencionais de representação do negro nos discursos dominantes (BISPO, 2011, p. 12).

Através de sua escrita, Trindade torna-se um verdadeiro agente de transformação, pois ele retoma e valoriza suas origens africanas, superando as dificuldades que pela dominação foram geradas. Para Bispo (2011), Isto, certamente, permitirá o surgimento de uma consciência de identidade mais ampla e redefinição do seu lugar no mundo como indivíduo e ser social.

O movimento negro tem como objetivo a conscientização e o conhecimento das atitudes, sentimentos, posições políticas, valores morais e espirituais do povo negro, ou seja, essa tomada de consciência seria acompanhada do desejo de conhecer o continente africano, como também as marcas deixadas pela África ancestral na mente e na alma dos filhos da diáspora.

A arte e a poesia negras, segundo esta escola, pretendem – sem pruridos xenófobos ou sectarismos fanáticos de quaisquer naturezas – defender e valorizar tudo quanto pertença ou se identifique com o mundo negro, parta de onde ou de quem partir dentro ou fora das “Afriquesnoires” (OLIVEIRA, 1967: 13).

O movimento da negritude foi muito importante, mais durou pouco mais de vinte anos, houve muitas divergências entre os principais líderes e chegou ao fim. Mas, apesar das falhas, negritude está além de um movimento político, pois desempenhou um papel histórico que contribuiu para a valorização do negro em todo o mundo, contudo, referia-se ao conhecimento da situação de

dominação e discriminação e á busca de identidade como reação a opressão direcionada aos negros desde o período escravista.

Dessa forma, Munanga sintetiza o conceito de negritude, que de uma certa forma coaduna-se a construção literária e poética de Solano Trindade. O autor de **negritude**: usos e sentidos destaca a importância de frisar que a negritude embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica. A negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que, aliás, são todos culturalmente diferentes (MUNANGA, 1988).

3A RESISTÊNCIA DO NEGRO NA POÉTICA DE SOLANO TRINDADE

É notório, na poética de Solano Trindade, uma escrita capaz de influenciar atitudes e comportamentos e de interferir na vida social, política e cultural do povo brasileiro; deparamo-nos com questões que implicam não só à população negra, mas ao povo como um todo: “Não faremos lutas de raças, porém ensinaremos aos nossos irmãos negros que não há raça superior ou inferior, e o que faz distinguir uns dos outros é o desenvolvimento cultural. São anseios legítimos, a que ninguém de boa fé poderá recusar cooperação” (TRINDADE, 1981, p.15).

[...] o discurso é um meio de instauração de poder, como afirma Michel Foucault, a ruptura com certo tipo de discurso promove abalo nas estruturas discursivas e nas malhas do poder instituído. Minar as bases deste mediante a produção de outros discursos constitui-se forma de resistência política, sem dúvida. Esta e outras estratégias dos escritores afro-brasileiros vão operar inversões nos significados de palavras, fatos históricos, situações sociais, apontando e contestando hierarquias e valores instituídos (SOUZA, 2004a, p. 292).

A resistência do negro no discurso de Solano Trindade se apresenta, sob as diversas faces, principalmente, no sentido identitário, pois revela em sua escrita a marca de um homem de ação, que constrói para si uma figura revolucionária. De acordo com Oswaldo de Camargo (1987, p. 79), de todos os escritores negros ligados à coletividade negra brasileira, o que deixou presença mais forte foi Solano Trindade.

O negro foi submetido a muitas formas de violência e isso é reconhecido pelas muitas tentativas de domínio do caráter humano; por muito tempo o negro se viu enfraquecido, e sua participação na vida social era totalmente barrada, não atuante, e sim resultado de uma ideologia branca.

Solano Trindade toma a palavra (a poesia) como sua aliada na batalha contra as opressões e marginalização social e através de sua escrita conscientiza os mais jovens poetas a reconhecer e revelar com objetividade a resistência negra.

Desta forma, diante da civilização branca, Trindade reconhece que a passagem de ser “o outro” apagado, para um “Eu”, requeria o resgate da experiência histórica do ser negro. Assim, ele utiliza a poesia como arma contra as opressões e marginalização social. Mantém um diálogo com a sociedade atual e se insere numa produção que busca incluir as classes marginalizadas. A palavra foi a arma de Solano Trindade contra a opressão de seu tempo (MACHADO, 2009, p. 91).

A escrita negra de Solano reivindica a sua voz e seu lugar de agente no processo histórico, rasurando a identidade negada.

Ter consciência de si mesmo é o processo necessário para que o negro efetivamente construa sua identidade. Ou seja, através da conscientização o afrodescendente pode negar os símbolos de estereótipos que foram anexadas a sua real imagem (MACHADO, 2009, p. 91).

A poesia negra é configurada como uma oportunidade de aclamar a negritude, de mostrar para o mundo uma imagem do negro que talvez muitos desconhecem não se deixam conhecer e ficam presos àquela imagem do negro mal, primitivo, submisso, invisível, porém esta é consumida pelos novos discursos poéticos presentes na literatura afro-brasileira.

Atualmente, ampliou-se a visão afirmativa sobre o negro, destacada, principalmente, na poesia de Solano Trindade percebemos que o eu lírico não se nega a restabelecer, ou seja, a reconstruir a trajetória do homem, contudo notamos que é confiada ao leitor a oportunidade de fazer uma reflexão considerando um novo sentido relacionado às “mercadorias humanas” que foram trazidas do continente africano, como é apresentado no poema abaixo:

Lá vem o navio negreiro
 Lá vem sobre o mar
 Lá vem o navio negreiro
 Vamos minha gente olhar...
 Lá vem o navio negreiro
 Por água brasileira
 Lá vem o navio negreiro
 Trazendo carga humana...
 Lá vem o navio negreiro
 Cheinho de poesia...
 Lá vem o navio negreiro

Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de inteligência...

(In: TRINDADE, Solano.1961, p. 44)

Neste poema “Navio negreiro”, o poeta parte para uma batalha em favor do reconhecimento de um povo, que no processo histórico foi marginalizado, ele reflete sobre as marcas de desprezo e violência sofrida pelos negros: “Para isso, mergulha sem medo no passado histórico e ao mergulhar não encontra múmias marcadas pelas ferrugens de um cárcere, ou por pedras de muralhas, mas o ser o humano” (MACHADO, 2009, p.92-93).

Essa é a primeira reflexão que o poeta sugere ao leitor, perceber o negro enquanto humano e não carga, ou mercadoria a ser vendida trazida neste navio, “Lá vem o navio negreiro/Trazendo carga humana...”, apesar de que o poeta utiliza esse termo carga, um adjetivo pejorativo, mas é para denunciar a forma como os negros eram trazidos para as terras brasileiras.

Trindade compõe um quadro imaginário, e no poema chama a atenção para o aspecto externo do navio que vem sobre as águas do atlântico, “Lá vem o navio negreiro/Lá vem sobre o mar”, chama o leitor para ver o navio chegando, “Lá vem o navio negreiro/Vamos minha gente olhar...”, nele há marcas de dor, gemidos, fome, chicotadas, sinônimos da escravidão, que foram trazidos ao Brasil, com pessoas subalternizadas pela condição vivida naquele ambiente triste, não humano. As condições, a forma e o transporte não consentem uma realidade humana, a liberdade está sendo confiscada e eles estão desconfiados de um futuro que indica dor e desumanidade.

“Lá vem o navio negreiro/Por água brasileira”, o poeta denuncia a realidade do negro desde o momento que colocaram os pés em terras brasileiras até os dias atuais, o afrodescendente como afirma Machado (2009), continua psicológica e economicamente escravo, oprimido, sem chances reais de alcançar melhores condições de existência humana.

O autor, após invocar o povo para ver os irmãos trazidos de África, mostra que aquelas pessoas representam valores culturais inestimáveis, este navio carrega um tesouro histórico-cultural muito valioso esse povo é

inteligente, traz consigo hábitos e costumes ricos que persistirá na existência de uma igualdade plural, sem exclusão.

Lá vem o navio negreiro
Cheinho de poesia...
Lá vem o navio negreiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de inteligência...

O poeta afirma a resistência do povo negro, destaca em seus versos a persistência dessa gente na busca de uma vida digna com referencial e consciência, o negro é exemplo de luta por sua liberdade, dignidade e perseverança.

Para Bernd (1987, p.89), Trindade apresenta uma “obsessão” pela reconstituição histórica. No entanto, essa perspectiva coaduna-se não só com a ideia de “exposição” da história não-oficial promovida pela literatura negra, mas também revela-se coerente com a prática de inversão de signos negativos. Esse é o caso do poema “Navio negreiro”, de Solano Trindade (HATTNER, 2009, p. 84).

Trindade, no seu discurso poético, demonstra uma preocupação com o seu povo de erguer a cabeça e afirmar sua identidade negra, com consciência de mudar sua própria realidade, na sua escrita encontramos depoimentos de um eu-lírico que eleva a negritude e assume a sua imagem, assim declara Roland Walter (2009, p. 105): “A rememoração de uma memória reprimida através da escrita [...], pode funcionar tanto como estratégia cultural de resistência e potencialização eficaz contra a amnésia quanto como estratégia de atalhamento étnico”.

3.1 SOLANO TRINDADE: NEGRITUDE E ANCESTRALIDADE

Para Elio Ferreira de Souza (2008, p. 07), “A poesia de Solano se infunde nos ideais da negritude, na sua voz ele incorpora a herança oral e cultural dos poetas e antigos contadores de história da África”. Assim, Solano Trindade

“...adquire a voz da consciência universal, a voz da coragem e de um novo amanhã, quando a escritura negra cumprir a missão de esclarecer “as consciências” e o negro se auto reconheça na diferença, no poder libertador da sua escritura literária.

O texto poético “Navio negreiro” é composto pela insistência (repetição) dos fonemas [m] e [n] que valida seu valor expressivo dentro do texto, como também nos faz pensar em uma operação comparada ao movimento do mar, ou seja, ondeante transposta no verso “Lá vem o navio negreiro”, que se repete por diversas vezes. Com efeito, da repetição insistimos no olhar novamente, no retorno e no prosseguir com uma nova visão sobre o objeto que apresenta em cada olhar conteúdos que se diferencia: carga humana, melancolia, poesia, resistência e inteligência. Serafina Ferreira salienta que:

A última palavra, que finaliza o poema harmoniza-se com o vocábulo resistência. A inteligência é símbolo do homem que pensa, que resiste à condição de besta de carga. Por isso, a ausência de ponto final no poema é significativa para demonstrar uma luta iniciada, deixando uma ideia de continuidade (MACHADO, 2009, p. 93).

Este poema condiz com o retorno e o avanço, sugerindo um novo olhar para aquela carga humana que mais tarde se torna carga de resistência, cujo termo é fundamental para a compreensão da luta do negro pela libertação do regime escravocrata. Machado (2009) discorre que nesse poema há além de tantos outros apelos, um também musical que o aproxima da música popular brasileira e da música dos cultos afro-brasileiros praticados no país. O poeta Solano quer interagir com o leitor através do seu discurso poético, no desejo de partilhar a sua visão vinculada com a natureza do objeto situado no texto e a simplicidade em que vive, o ritmo do poema parece preparar o leitor para uma dissolução da consciência.

Nas palavras acima, percebemos a busca pelo reconhecimento do negro e para esse reconhecimento é preciso que a diferença em cada pessoa seja percebida, como destaca Fanon (1983, p. 177), “Por que não a tentativa simples de tocar o outro, de sentir o outro, de explicar o outro a mim mesmo?... Na conclusão deste estudo, quero que o mundo reconheça comigo, a porta aberta de cada consciência”.

O objetivo da poética de Solano Trindade é mostrar as práticas da afirmação e resistência do negro, na sociedade brasileira desenvolvida a partir da sistematização das representações africanistas construídas através de sua poesia. No poema “Congo” o autor busca refletir sobre a imagem do negro, que logo após atravessar o atlântico, encontrava-se rasurada pelas lacunas promovidas pelo preconceito, mas que precisa ser reconstituída.

CONGO

Pingo de chuva
que pinga
que pinga
pinga de leve
no meu coração.

Pingo de chuva
tu lembras a canção
que um preto cansado
cantou para mim
pingo de chuva,
a canção é assim.

Congo meu Congo
aonde nasci
jamais voltarei
disto bem sei
Congo meu Congo
aonde nasci...

(In: TRINDADE, Solano. 1961, p. 45)

Neste poema, o autor relembra o espaço geográfico ancestral fraturado pelo esquecimento, uma vez que a poesia está minada pela lembrança das imagens que foram transformadas pela escravidão, já mencionada no poema anterior. A memória exposta neste poema é aquela que existe no nosso interior, mas que nós escondemos, e que procuramos não deixar ser manifestada, então mortificamos o pensamento que reflete na lembrança daquilo que nos faz pensar na África, desta forma entendemos que os portões estão cerrados para o não regresso, sem possibilidades para o retorno.

“Congo” relembra o lugar do impossível retorno, o espaço geográfico e a memória ancestral borrada pelo abismo do *entre-mar*. Esse lugar reflete a imagem de um espelho quebrado, cujos pedaços precisam ser reconstituídos. Reflete a

imagem de uma história fraturada e cheia de lacunas. Daí a narração entremeada de esquecimentos, com os relatos breves de uma poesia que deseja minar o território das “imagens-lembranças” (BERGSON, 1999, p.88) transformadas em cinzas na ultrapassagem da porta para a escravidão nas Américas. A memória que se diz esquecida é algo que existe dentro de nós, escondida na nossa mente, sem sabermos como ela se manifesta na nossa consciência. Em que parte da nossa consciência ela se aloja? Talvez acorrentada no porão do navio negreiro que há dentro de cada um de nós. Ela fala desse lugar do silêncio. Permanece à espera do escritor da diáspora e nossos aliados para rompermos o cerco da “Porta do Não Retorno” e desacorrentá-la. Esta memória. Vigilante. Alerta. Pulsa. Estremece como um vulcão que vai entrar em erupção a qualquer momento dentro de nós, no nosso corpo. A poesia de Solano pretende refazer esse caminho do Paraíso Perdido (SOUZA, 2006, p.87).

Esquecer a memória histórica do negro, da Diáspora africana, sua essência se torna fragmentada, cheia de lacunas que impossibilitam chegar ao mundo mais igualitário, relembrar das pessoas amadas, do passado livre, da terra perdida e distanciada no momento que ocorreu a travessia dos mares são pensamentos daqueles que sofrem e que tem o desejo ardente de viver livre e retornar as suas origens.

A poética do escritor negro está vinculada pela narrativa da memória e de pensamentos que resistem as diversas faces do preconceito, o autor não bebe da fonte do ressentimento, mas do orgulho dessa herança. Souza (2006), afirma que o Congo é o lugar da lembrança e do sonho ancestral, reinventado no corpo do poema e do poeta negro.

No discurso de Trindade, encontramos um povo que luta, que resiste e persevera na luta pelo seu reconhecimento e ideais, na sua poesia a história do negro é revelada não unicamente pela tristeza e choro vinculado ao que foi deixado no continente africano, no recordar das opressões vividas no momento da travessia ou no sofrimento já no novo mundo, pelo contrário, ele contempla o legado da herança cultural e inesgotável afrodescendente que é visível e clara entre nós, perseverante nos dias atuais. Por tanto, ainda recorreremos ao poema “Sou negro” do autor para entender e situar a alegria do poeta em contar a história do seu povo, da sua vida, confirmando o orgulho de ser negro. Esse reconhecimento de si está marcado nos versos deste poema, pois o eu lírico divulga a negação de não aceitar a submissão do povo negro.

Nas estrofes encontramos a afirmação da cor negra, ritualizando a memória histórica e a identidade cultural do povo negro. O autor destaca a resistência armada do avô, que simboliza os negros em pé de guerra, e do grande líder da resistência negra, “Zumbi” dos Palmares, que é referência histórica no sonho da igualdade racial.

Solano Trindade remete ao conhecimento da Rebelião dos Malês, cuja ação rememora a imagem da “vovó” guerreira, a mulher também como símbolo de resistência na luta contra a opressão, e que estava à frente da linha de combate. Por fim, Trindade declara a grande herança dos ancestrais que simboliza o anseio pela liberdade através da música, do ritmo, da dança e do desejo de libertação, que é proposto ao reviver da consciência ancestral no ser negro, que está dentro de cada um de nós.

Nos textos em foco, o sujeito poético compõe sua genealogia com lutadores ativos, insubmissos, dos quais herda a voz firme e, contrariando certa leitura das tradições de origem africana como exclusivamente pertencentes à ordem do lúdico (samba, batuques e danças), reverte o sentido e aponta as danças e músicas como espaços produtivos de reivindicações dos afrodescendentes por maior espaço na sociedade brasileira, como faz o poema “Sou negro”, publicado inicialmente em *Cantares do meu povo* (SOUZA, 2004a, p. 286).

Trindade enfatiza os aspectos lúdicos e guerreiros das culturas africanas, o tom identitário jamais é esquecido na sua escrita, através desta que outras vozes ressaltaram a identidade desprestigiada, no poema “Zumbi”. A poética é reiterada pela composição daquele que é um modelo de resistência na luta dos afro-brasileiros, tornando-se perfil-heroico deste povo. Para Souza (2009), é configurada uma síntese de elementos da história do Brasil e de tradições africanas, como a gameleira, árvore sagrada do candomblé:

Zumbi morreu na guerra
Eterno ele será
Se negro está lutando
Zumbi presente está
Herói cheio de glórias
Eterno ele será
À sombra da gameleira
A mais frondosa que há
Seus olhos hoje são lua,
Sol, estrelas a brilhar
Seus braços são troncos de árvores

Sua fala é vento é chuva
É trovão, é rio, é mar.

(TRINDADE, 1999, p. 44)

Nesse sentido, destacamos no discurso poético de Solano Trindade, aspectos da resistência negra que elevam a transformação do gemido enclausurado desde os porões do navio negreiro, até os dias atuais, quando negamos a sua vez nas diversas possibilidades de expressão. Consideramos que sua poesia não é marcada só pelo gemido e sim pela transformação desse gemido em canto, emanado pela/na poesia, ao falar do negro Solano Trindade não se contém em assumir verdadeiramente o valor de sua gente.

Na poética de Trindade, é sugerido um caminho para que todos lembrem da violência histórica sofrida pelo negro, mas que essa história não seja estigma de vergonha para aqueles que são adjetivados pela resistência nos diversos campos das suas realidades como nos é apresentado no poema a seguir:

Quem tá gemendo?
Negro ou carro de boi?
Carro de boi geme quando quer
Negro não
Negro geme porque apanha
Apanha pra não gemer

Gemido de negro é cantiga
Gemido de negro é poema

Quem tá gemendo
Negro ou carro de boi?

(In: TRINDADE, Solano, 1986, p. 38)

Até o momento fomos conduzidos em um percurso estratégico, em que o negro foi arrancado de sua pátria de forma bruta e violenta chegando ao Brasil, sua vida já não mais anseia a liberdade e seus costumes foram extirpados. O retorno ao lugar de origem se torna impossível, a história do negro caminha ao passo da dor e sua imagem identitária se coloca entremeada pelo esquecimento, mas o negro pautado pela resistência solidária contempla a história e cultura dos seus ancestrais, e vivifica na ação heroica produzida pela

força de suas atitudes, o valor inestimável que se põe enraizado na construção do novo mundo.

Para o autor, o gemer do negro adquire um significado outro, a representação de que o escravo mesmo subjugado, explorado e violentado resiste, e essa resistência é marcada pela transformação do gemido em canto, em poema. A força imagética que emana do poema sugere o esmaecimento do sofrimento como elemento catalisador e destaca a circularidade do binômio gemer/cantar, reforçado pela finalização do poema com o dístico inicial (SILVA, 2007, p. 635).

O autor nos apresenta, o ferro que fere, que marca, a violência física e psicológica a que o negro foi submetido sendo comparado a um animal, a distância e aproximação dos dois povos, finaliza com o martírio daqueles que do gemido, pois é tudo que lhe resta, se converte em arte e se torna vencedor mesmo apanhando para não gemer.

3.2 SOLANO TRINDADE: UMA VOZ COLETIVA

Solano faz da poesia um discurso comprometido com os ideais da negritude, agrupando e formando um discurso que apoia e prioriza aqueles que querem corrigir a identidade forjada, ele ressalta a retificação das exclusões e os fatos danificados, que procedem do preconceito.

Notamos uma escrita que privilegia a força, a vontade, o combate daqueles que lutam contra a moldura, que ainda persevera sobre a imagem negra, este autor busca reverter as hierarquias, representações e significados falseados que são dirigidos e marginalizam os afrodescendentes que por sua vez estão sempre resistentes na reestruturação de lugares e papéis na vida sócio-política do povo brasileiro. O eco do grito de confirmação da identidade negra e a não desistência do povo negro e seus respectivos ideais soam fundamentados na obra deste poeta que:

Com essa atuação, em Cantares de meu povo, Solano Trindade encerra o poema “Canto dos Palmares”, com a certeza de que a resistência negra continua, os últimos versos confirmam que o opressor nada mais pode fazer, porque o

poeta atingiu o momento ápice de libertação (BEZERRA, 2010, p. 14).

O poeta Solano quebra a autoridade daqueles que inverteram a história do negro, contando novos fatos e feitos heróicos de seu povo, neste poema não são apresentadas vítimas inertes e oprimidas, mas um povo oprimido que em vários momentos mostrou-se insubmisso e disposto a lutar pela liberdade define Souza (2004a, p. 290). Analisemos o texto a seguir:

CANTO DOS PALMARES

Eu canto aos Palmares
Sem inveja de Virgílio de Homero
e de Camões
porque o meu canto
é o grito de uma raça
em plena luta pela liberdade!

Há batidas fortes
de bombos e atabaques
em pleno sol
Há gemidos nas palmeiras
soprados pelos ventos
Há gritos nas selvas
invadidas pelos fugitivos

Eu canto aos Palmares
odiando opressores
de todos os povos
de todas as raças
de mão fechada
contra todas as tiranias

Feçam minha boca
Mas deixam abertos os meus olhos
Maltratam meu corpo
Minha consciência se purifica
Eu fujo das mãos
Do maldito senhor!

(Trindade, 1961, p.29)

O poema “Canto dos palmares” é uma **épica quilombola** dos afro-brasileiros que mostra os feitos do grande herói negro, chefe e líder da resistência negra “Zumbi”, sua fala é intermediada pela voz do poeta que narra

a resistência e o desejo de libertação do povo negro, para Bernd “O eu-lírico ao dar voz a Zumbi, re-apresenta o ex-escravo, o proscrito, como o responsável pela ação heróica, fazendo emergir uma nova versão dos fatos, a versão não oficial” (2010, p. 29).

Encontramos neste poema uma reivindicação; Solano trindade opera como conhecedor e escuta a voz do seu povo, o eco desse grito está explícito neste texto ao contrário dos poetas que evocam a consciência da colonização ocidental, como ressalva Elio Ferreira de Souza:

Virgílio, Homero e Camões não são evocados como modelos rapsodos que devem ter seus ideais colonizadores assimilados pelo escritor negro, mas como referencial que evidencia a alteridade, a diferença do discurso literário negro, a autonomia estética e a visão de mundo da narrativa dos quilombos (SOUZA, 2008, p. 3).

O que mais chama atenção na poética de Solano é a forma com que ele conduz os aspectos da vida e suas necessidades, até mesmo a relação com a natureza, à oposição e dominação dos homens sobre o mundo e a afirmação de que a poesia é uma arma contra a opressão. De acordo com Zilá Bernd:

“Preserva-se deste modo, através da palavra poética, a memória de feitos que a história tentou escamotear, mas que permaneceram vivos na tradição oral que conferiu a Palmares e Zumbi a aura de mito” (BERND, 2010, p. 299).

Essa foi a forma encontrada pelo poeta Solano Trindade para ressaltar a resistência negra contra a escravização, tirando-a da condição de total submissão conferida pela história oficial e, assim, destacando o negro na condição de sujeito, lutando pela liberdade. De fato, resistência ao sistema escravista sempre houve em toda parte, e Palmares destaca-se por ter resistido bravamente por um século (1595-1695), sendo o quilombo que mais tempo durou no Brasil. Ganga-Zumba e Zumbi foram os seus últimos líderes. Segundo Bispo (2012, p. 75), “a sede do quilombo foi destruída em 1694, numa expedição comandada pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, que organizou um grande ataque ao Quilombo dos Palmares”. Zumbi conseguiu fugir, porém, traído por um companheiro, foi entregue à tropa bandeirante. Sua morte foi

bárbara: ele foi degolado e exposto em praça pública em 20 de novembro de 1695.

O poeta levanta questionamentos contra essa civilização opressora que devasta o espaço natural e inferioriza outros povos. Tudo é mencionado como se o próprio estivesse através de seu canto chamando seus irmãos para a batalha, o herói Zumbi tematiza na história a voz que sai de um cerco individual para um plano coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Solano Trindade descreve a história dos afrodescendentes através dos seus discursos poéticos, relatando episódios de personagens relevantes para a construção do processo histórico do negro no Brasil, o poeta do povo discute as experiências dos africanos e seus descendentes nas terras brasileiras.

Neste trabalho entendemos que a literatura passa por um processo de construção e reconstrução, tendo em vista as novas tendências poéticas, que contradizem os discursos da homogeneidade literária e desconstróem imagens e discursos tão enraizados entre nós.

Observamos a beleza da miscigenação e o sincretismo da cultura negra e a necessidade de afirmar a identidade, que até então fora deturpada por aqueles que utilizaram da temática do negro para se pautar na simbologia do tradicionalismo preconceituoso, como também a resistência que continua no combate contra o distanciamento e desigualdades que se perpetuam na vida de muitos, resultantes do preconceito que por sua vez são denunciados pela escrita do poeta afrodescendente Solano Trindade.

A produção afro-literária brasileira rompe com a literatura categorizada, individualista e homogênea, esta faz alusão à inclusão de todos os escritores de origem negra, por tanto essa realidade independe da modalidade discursiva. Porém, muitos autores defendem que a literatura negra é a reapropriação do sujeito negro que passa a ter voz para falar de si próprio, conseqüentemente da sua realidade.

Alguns fatores atuam no esclarecimento da existência da literatura da literatura afro-brasileira, conforme Duarte: “A partir, portanto, da conjunção dinâmica desses cinco grandes fatores - temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público - pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude.” (DUARTE, 2004, p. 08).

Apesar da literatura afro-brasileira não está projetada no sentido canônico da literatura ocidental, e acaba por expressar um depoimento contrário ao etnocentrismo que exclui até mesmo os negros do mundo das letras, como da própria sociedade, pois sua base está fundada no caráter marginal, está inserida dentro da literatura brasileira, fazendo uso da mesma língua e utiliza os mesmos procedimentos de expressão, segundo Luiza Lobo: “Para arrancar a literatura negra do reduto reducionista da literatura em geral que a trata como tema folclórico, exótico, ou como estereótipo, é preciso que ela seja, necessariamente, uma literatura afro-brasileira”. (LOBO, 1993)

Para outros, o ponto mestre da literatura negra está principalmente em assumir no discurso a cor da tez, com o compromisso de não fazer uso das brechas que apontam para os disfarces.

Através da valiosa produção poética de Solano Trindade percebemos ideias que apontam para o abalo das autoridades, com certos depoimentos encontramos através de sua escrita, uma nova tradição textual e intelectual brasileira que desloca os sentidos revertidos impostos ao povo oprimido.

As memórias mencionadas nos textos são exemplos motivadores para aqueles que querem permanecer resistindo às intervenções ilegítimas, sendo contrárias a história de vida do negro.

Seus poemas são verdadeiros veículos de ideias que ajudam a todos os povos conhecerem o verdadeiro sentido da liberdade, ele se envolve com a cultura popular, reconstituindo as linhas que tecem a história do negro na diáspora.

Seu discurso é um meio de restauração, um caminho de resistência que constitui um diálogo ancestral, entre os negros de ontem com aqueles que desejam sobreviver e perseverar nos anseios pessoal e cultural dos dias atuais, sem deixar de lado seus princípios protagonizados pelos seus antepassados. Podemos dizer que o repertório poético de Solano é um grande

movimento de fertilização, pois aborda uma preocupação com a história e a realidade do seu povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE, Roger. **A poesia afro-brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 1943.

_____. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. (Org.). **Poesia negra brasileira**. Porto Alegre: AGE/IEL, 1992.

_____. **Zumbi dos Palmares na poesia negra brasileira**. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Consciência negra e resistência na poesia afro-brasileira: Luiz Gama e Solano Trindade**. REALIZE Editora, Campina Grande. 2010. Disponível em:

< [http:// www.portalrealize.com.br/anais_neabi/literatura_afro-brasileira_artigo.pdf](http://www.portalrealize.com.br/anais_neabi/literatura_afro-brasileira_artigo.pdf)>. Acesso em Maio/2013.

BISPO, Suely. **Solano Trindade: negritude e identidade na literatura brasileira**. REEL, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011, p. 1-30.

CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987.

CARNEIRO, Suely. **Uma guerreira contra o racismo**. *Caros Amigos*. São Paulo, ano III, n.35, páginas 24 a 29, fev.2000, Entrevista.

CUTI (Luís Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, E. A. **Literatura e afro-descendência**, 2004. Disponível em:

< [http:// www. letras. ufmg.br/literafro/conceituacao.htm](http://www.letras.ufmg.br/literafro/conceituacao.htm) >. Acesso em Junho/2013

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Livraria Fator, 1983.

FELINTO, Marilene. **Pequena notável**. *Caros amigos*. São Paulo, ano IV, n.47, páginas 30 a 36. fev.2001, Entrevista.

FERREIRA (de Souza), Elio. **Memória, construção de identidades e utopia em “Canto dos Palmares”, de Solano Trindade**. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC (*Tessituras, Interações, Convergências*). 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil.

FERREIRA (de Souza), Elio. **Poesia Negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes**. Teresina: Tese de Doutorado/UFPE, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lobo. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATTNER, Álvaro. **A poesia negra na literatura afro-brasileira: Exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação**. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Volume 17- a, ISSN 1878 – 2054, 2009, p. 78 – 89.

_____. **Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder a polêmica?** In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazareth (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LOBO, Luiza. **Auto-retrato de uma pioneira abolicionista**. In: _____. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MACHADO, Serafina Ferreira. **A imagem do negro na poesia de Solano Trindade.** *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Volume 17 – A, ISSN 1678 – 2054, 2009, p. 90 – 101.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos** –2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

PAZ, Octávio. A linguagem. In: _____. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982. p. 35-57.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Poesia brasileira contemporânea: invenção e liberdade na tradição cultural afro-brasileira.** VERBO DE MINAS: Letras. Juiz de Fora, 2006, p. 137-158.

OLIVEIRA, Eduardo de. **Gestas líricas da negritude**. São Paulo: s. e., 1967.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SANTOS, Suely Maria Bispo dos. **A importância da Obra de Solano Trindade no panorama da literatura brasileira: Uma reflexão sobre o processo de seleção e exclusão canônicos.** Vitória: Dissertação (mestrado), UFES. 2012.

SOUZA, Florentina da Silva. **Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira.** *Afro-Asia*, Salvador, n. 31, p. 277-293, 2004a.

SOUZA, Florentina. **Intelectual negro e mediações culturais: Solano Trindade.** *SCRIPTA*, Belo Horizonte. V. 8, n. 15, p. 226-239, 2º sem. 2004b.

SILVA, Assunção de Maria Souza e. **Literatura afro-brasileira: O poético militante Solano Trindade**. Revista África e Africanidades - Ano I - n. 3 - Nov. 2008.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Literatura negra: memória viva**. UNIFESP. 2013.

SILVA, Marcelo José da. **(Re)conhecer-se. O brado da literatura afro-brasileira contemporânea**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. Maringá, 2007, p. 633-640.

SILVA, StefaniEdvirgemda. **A construção de uma nova identidade literária nas obras de Conceição Evaristo**. DIÁLOGO E INTERAÇÃO. volume 1 (2009) – ISSN 2175-3687. Disponível em: <<http://www.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao>> . Acesso em Maio/ 2013.

SILVA, StefaniEdvirgemda. **Literatura Afro-brasileira: uma identidade em questão**. Revista Iluminart. Sertãozinho/ SP, ISSN: 1948 – 8625. Volume 1, nº 4, 2010.

TRINDADE, S. **Cantares ao meu povo**. São Paulo: Fulgor, 1961.

TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

TRINDADE, Solano. **O poeta do povo**. São Paulo: Ediouro: Editora Segmento Farma, 2008.

_____. **O poeta do povo**. (Org. Raquel Trindade). São Paulo: Editora Cantos e Prantos. 1999.

TRINDADE, Solano. **Quem tá gemendo?** In: CAMARGO, Oswaldo de (org). *A razão da chama. Antologia de poetas negros brasileiros*. São Paulo: GRD, 1986, p.38.

WALTER, Roland. **Afro-América: diálogos literários na diáspora nas Américas**. Recife: Bagaço, 2009.